

Um Mágico Chamado Hrair

VOU chamá-lo de mágico — e por que não? Por acaso, de sua juventude e de sua solidão não tira ele todas as cores de que precisa — e mesmo este estilo de contar coisas, através de suas telas, em linguagem que tem quase mil anos? Vou chamá-lo de mago porque ele me lembra uma figura de lenda: seus quadros são como vitrais que o artista compõe, peça por peça, cristal por cristal, tom por tom, em minucioso trabalho feito em leves "passos", em toques perfeitos de vara de condão. Nêle, qualquer coisa do laborioso e contemplativo ilustrador de livro de fadas, um feitiço de luminura ou missal.

Mas agora, voltando à realidade, quero falar nêle como o vejo, risonho, jovem, a camisa de listras, o blazer marinho, olhos curiosos, cabelos compridos, uma saúde esplêndida que se lê em seus gestos rápidos e se adivinha em sua maneira de falar cheia de vitalidade.

— De que gosto, além de pintar? De dançar. De fazer esquí-aquático. De viajar. De gente simpática. De viver, ora!

Assim é HRAIR. "Um poeta que tem os pés na terra", como ele mesmo se descreve — e lembro, mais uma vez, o cedro simbólico de sua terra natal, o Líbano, as raízes penetram a terra profundamente, mas a seta de folhagem aponta em direção às estrelas...



Assim é HRAIR, que desconhece influências, cujos quadros fogem a qualquer determinação de escolas, mas vibram em luzes, formas e tons de vaga atmosfera bizantina. Um dia, fez seu auto-retrato: uma figura no meio de uma floresta, um príncipe de Bizâncio, um ícone...

No Brasil, expôs em São Paulo e Santos e prepara mostra para inaugurar dia 25 de novembro, na Galeria Bonino. Mas seu nome, apesar de jovem, é famoso em Beirute, onde já expôs cinco vezes, onde foi premiado em pintura e realizou uma série de tapeçarias para o Palácio da Presidência. Seus quadros foram apreciados em Atenas, Cairo, Jordânia, Milão, Paris, Londres, Nova York, em sucessivas exposições. Uma de suas admiradoras mais sinceras é a Viscondessa de Ribes, conhecida pelo bom-gosto. No Brasil, Adolfo Bloch, Helene Matarazzo, Jorge Chammas, Lourdes Borbe, Jorge Prado, Vera Stahli, entre outros, já possuem trabalhos seus.

Victor Civita, que o convidou para vir ao Brasil, descreve assim o seu primeiro encontro com Hrair.

"Há meses deparei no Hotel Phoenicia, em Beirute, com uma grande, agradável surpresa: uma exposição de quadros de vigor inusitado, de formulação atrevida, esquisita, empolgante. Algo novo em pintura, no meu entender". E Geraldo Ferraz, que apresenta sua exposição em São Paulo, completa: "Os elementos subjacentes à pintura de Hrair, seu pensamento miço e atento ao mundo e ao tempo, evidenciam uma consciência em busca de posição. Um de seus críticos recolheu o advérbio "também", de uma frase, toda uma situação parafilosófica: "O mundo está bem como é, mas poderia também ser tal qual o concebemos." Tal relatividade carrega consigo toda a concepção ponderável de Hrair."

Este é, portanto, o jovem mago pintor, que veremos em novembro.